

5

Este livro foi composto nas oficinas da
WJ — FOTOCOMPOSIÇÃO LTDA.
Av. Paulo de Frontin, 130 — Rio de Janeiro, RJ
e impresso nas oficinas da

ERREGÊ - EDITORA GRÁFICA E PUBLICIDADE LTDA.
Rua Senador Pompeu, 122 - Rio de Janeiro, RJ
para a
LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA S.A.
em agosto de 1988

ANO DA X BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO
(São Paulo, 24 de agosto a 4 de setembro)

*
Centenário da Lei Áurea
(assinada pela Princesa Isabel em 13.5.1888)

Bicentenário de nascimento de
Arthur Schopenhauer (22.2.1788 — 21.9.1860)

Sesquicentenário de nascimento de
André Rebouças (13.1.1838 — 19.5.1898)

Sesquicentenário de falecimento de
José Bonifácio de Andrada e Silva (13.6.1763 — 6.4.1838)

Centenário de nascimento de
Aripino Grieco (15.10.1888 — 25.8.1973)

Fernando Pessoa (18.6.1888 — 30.11.1935)

Gastão Cruls (4.5.1888 — 5.6.1959)

Georges Bernanos (5.5.1888 — 5.7.1948)

Giuseppe Ungaretti (2.2.1888 — 1.6.1973)

Centenário de falecimento de
São João Bosco (15.8.1815 — 31.1.1888)

Centenário de publicação do romance
Os Maias, de Eça de Queirós (junho de 1888)

*
23.º aniversário de fundação da Xerox do Brasil (15.6.1965)
57.º aniversário de fundação desta Casa de livros (29.11.1931)

J.O.

CÓD. JO: 02481

*Qualquer livro desta Editora não encontrado nas livrarias pode ser pedido,
pelo reembolso postal, à LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.*

Rua Marquês de Olinda, 12
22251 Rio de Janeiro
Tel.: (021) 551-0642
Telex: 21327

04547 Rua Gomes de Carvalho, 809
São Paulo
Tel.: (011) 531-9033
Telex: 22074

Rua Carijós, 244
30120 Belo Horizonte
Tel.: (031) 224-2693

EVARISTO DE MORAES FILHO

O CORDIAL VIANNA MOOG E SUA OBRA POLÊMICA

(HOMENAGEM NO CONSELHO FEDERAL DE CULTURA)

(Rio de Janeiro, fevereiro de 1988)

J.O.
JOSÉ OLYMPIO EDITORA
RIO DE JANEIRO/1988

© Evaristo de Moraes Filho, 1988

Reservam-se os direitos desta edição à
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A.
Rua Marquês de Olinda, 12
Rio de Janeiro, RJ — República Federativa do Brasil
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 85-03-00293-0

Capa
ROGÉRIO MEIER

Diagramação
ANTONIO HERRANZ

Preparação de originais
MARIA CRISTINA RAMOS BRITTO

Revisão
ADENILSON ALVES CORDEIRO
JOAQUIM DA COSTA
FABIANO ANTONIO COUTINHO DE LACERDA
MARCO ANTONIO CORRÊA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M811m Moraes Filho, Evaristo de, 1914-
O cordial Vianna Moog e sua obra polêmica / Evaristo de Moraes Filho. — Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

“Homenagem no Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, fevereiro de 1988”

1. Moog, Vianna, 1906-1988. I. Título.

88-0435

CDD-928.69
CDU-92(MOOG, V.)

O CORDIAL VIANNA MOOG E SUA OBRA POLÊMICA



1. Por alguns anos, Vianna Moog pertenceu a este Conselho, por mais outros pertenceu aos quadros da Academia Brasileira, desde 17 de novembro de 1945, e por muito mais ainda, desde 28 de outubro de 1906, pertenceu aos quadros da Humanidade. A 15 de janeiro de 1988, porém, veio a falecer, nesta cidade, aos oitenta e um anos de idade. Pela sua vida e pela sua obra, continuará a pertencer, enquanto for dado à memória grata recordar, continuará a pertencer aos quadros da Humanidade, àquela que jamais esquece os que realmente lhe acrescentaram uma palavra nova, um conceito original, uma descoberta significativa. Os escritos de Moog se incorporaram, de vez, à história cultural brasileira; o seu lugar é mais do que vitalício, porque persiste além da morte. E só com trabalho, dizia Goethe, se conquista a imortalidade.

É difícil dar a exata medida de Moog num simples pronunciamento protocolar perante um colegiado. Serei breve, por isso mesmo. Gaúcho de São Leopoldo, foi orador de sua turma de bacharéis nos começos de 1930. O jovem de vinte e três anos de idade sonhava com o advento de um mundo melhor, baseado na Liberdade, Igualdade e Fraternidade dos revolucionários de 1789. Queimava-se no ideal de melhorar a existência de todos, de acabar com as diferenças sociais, de tornar a vida digna de ser vivida. Em suas próprias palavras: “Dir-se-ia que a poeira doirada que se tinha feito montanha através dos séculos, a tímida luz bruxuleante que se convertera em clarão de incêndio — não porém incêndio que destrói, senão incêndio que ilumina as bandas do futuro —, o anseio indeciso que fora programa de apóstolos, cruzada de mártires, estava em véspera de converter-se em ideal de todos os homens de boa vontade.”

Este mesmo jovem, porém, já havia sido nomeado agente-fiscal do imposto de consumo desde dezembro de 1926, em “uma manhã úmida e sombria de sexta-feira”. Tudo isso vai muito a ter com a futura obra do jovem diplomado de 1930. Idealista, sonhador, libertário, logo se desilude e fica com a liberdade prometida e se alinha entre os contestadores de 1932, pela constitucionalização do país. Com-

bate o tenentismo e a continuação da ditadura. Recebe como castigo o exílio dentro de sua pátria e é obrigado a fixar residência no extremo norte do território brasileiro. Em pelo menos duas oportunidades bendiz Moog esse exílio político. Numa delas: “Devo aos acontecimentos revolucionários de 1932 a excelente oportunidade de conhecer a Amazônia, que até então não havia entrado no domínio de minhas cogitações. A cumprir pena de exilado político, lá estive de outubro do mesmo ano a julho de 1934. Durante esse tempo fui obrigado a percorrê-la em vários sentidos e em épocas diferentes, circunstância esta que me permitiu observá-la de um modo e de outro modo, na multiplicidade de seus aspectos.”

Em outro momento de sua vida, referindo-se a si próprio no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: “Mas, fato estranho na sua singularidade: hoje ele não maldiz nem o exílio, nem o ostracismo. Antes egoisticamente os abençoa. Bendito exílio, abençoado ostracismo! Um e outro, impedindo-o de aspirar a situações eletivas, fizeram-no, em compensação, descobrir o outro lado de si próprio, um dos aspectos do seu temperamento até então apenas vagamente entrevisto, mas sempre represado: a vocação literária.” Do período amazônico surgiram *Os heróis da deca-*

dência, sua estréia literária, 1934, e *O ciclo do ouro negro*, sobre a própria Amazônia, de 1936. Segundo Monteiro Lobato, só pela publicação deste segundo livro, justificava-se a Revolução de 1932...

2. Nunca vulgar nem medíocre, não houve nenhuma obra de Vianna Moog que não suscitasse polêmica. Só fez vir a público temas que inovavam, que revolucionavam as antigas maneiras de pensar, que diziam alguma coisa nova e inédita. O só título de *Heróis da decadência* já denota em si a originalidade da tese. Não se trata de heróis consagrados por Carlyle, de guerreiros, de vitoriosos, de condutores de povos e líderes de correntes de opinião, que se impõem ao comum dos mortais e os fascinam. Muito ao contrário. São pessoas pacíficas, irônicas, tranquilas, quase indiferentes, que não pretendem em nada influir, nem mudar coisa alguma. Por isso mesmo só aparecem em épocas de decadência, nunca de esplendor nem de ascensão. Nota-se de logo, certa influência spengleriana em Moog, fato por ele nunca negado. Em algum período de sua vida, grande foi a sua admiração pelo autor de *Decadência do Ocidente*. Os heróis de Moog são humoristas, praticam o humor, que não se confunde

com a ironia, com o ceticismo nem com o sarcasmo, embora possa vir a possuir um pouco de todos eles. Mas os humoristas, em si, são tranqüilos e de certa forma indiferentes. Não são moralistas, nem reformistas. Não são censores. Por isso mesmo, os humoristas saem das elites, pertencem-lhes. Não possuem a menor influência sobre as massas, mas nem por isso seu mérito é maior, pois, afinal de contas, deve-se a elas a própria continuidade histórica: “Entre o humorista, enquanto puramente humorista, e as massas populares, há uma distância intransponível. É que as massas populares são um milagre de crença que se renova.”

Nesta última frase de Moog percebe-se o seu lado humanitário e dadivoso, o seu aspecto de luta pela justiça social e pela melhoria da qualidade da vida humana. Ele que também pode ser classificado entre os heróis da decadência. Em mais de uma oportunidade alude Moog à singularidade da sua geração — sofredora, cética, castigada pelo desencanto. Os exemplos que dá de heróis da decadência são: Petrônio, Cervantes e Machado de Assis; o primeiro surgido nos tempos da decadência do Império Romano; o segundo, ao findarem-se a Idade Média e os tempos feudais; e o terceiro, no período final do Império brasileiro, indiferente à República e à abolição, tendo-se dei-

xado envolver somente no início, na fase romântica do indianismo. Dos três, o predileto de Moog é Cervantes. Eis a sua tese em poucas palavras: “Em resumo: quando no tempo há decadência e dentro da decadência homens dotados de inteligência capaz de percebê-la e registrá-la, como os sismógrafos registram os menores abalos da terra, pode realizar-se o *humour*.” (...) “Decadência, compreensão, ceticismo — soma total: *humour*.”

A intelectualidade brasileira foi tomada de surpresa pela originalidade e pela ousadia da tese. Em artigo publicado no *Diário de Notícias*, de 10 de março de 1935, sob o título “Um ensaísta novo”, em meio a elogios, Augusto Frederico Schmidt discorda da tese do estreador, e não esconde a sua perplexidade: “O autor destes ensaios é um desconhecido. Jamais encontrei o seu nome numa revista, num jornal, e mesmo numa referência qualquer de conversa. É possível mesmo que Vianna Moog seja um pseudônimo. Nada disso, porém, me interessa, pois o que importa é que seu livro vem revelar a existência inesperada de um escritor sóbrio e seguro, de um homem acostumado à cultura e ao pensamento e capaz, como poucos dentre os nossos, de tratar de assuntos gerais com desembaraço e elegância.”

Apesar de haver escrito que “o humor é um resultado, não é uma intenção” (p. 157),

conclui Moog o seu livro, com estas palavras de esperança, citando os comentários das águias de Machado, que assistiam ao diálogo entre Assverus e Prometeu: "Uma águia — Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida." — A outra — "Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito." E Moog arremata com esta mensagem: "*Sursum corda!* Alguma coisa, afinal, sempre se salva no naufrágio das ilusões. Machado de Assis, o maior dos nossos céuticos, na sua arte, como no seu viver, é mais uma confirmação de que, tudo somado, a vida há de ser sempre a celebração contínua dos triunfos de Prometeu sobre os desesperos milenários de Assverus."

3. A obra seguinte — *O ciclo do ouro negro* — é um livro à altura das melhores páginas de Euclides da Cunha. O estilo é vivo, colorido, envolvente, é o retrato autêntico do meio ambiente descrito. A floresta amazônica desperta-lhe o mesmo terror cósmico a que se referia Graça Aranha, como um dos pilares do seu panteísmo metafísico. Alguns trechos significativos: "A Amazônia é um mundo à parte. Inútil procurar defini-la de conformidade com o critério clássico. É geográfica, botânica e geologicamente diferente, tornando vãs as tenta-

tivas de querer revelá-la por via de comparação. A Amazônia só é rigorosamente semelhante a si mesma." [...] "É de uma natureza que não se abandona, que não se entrega, que não faz confidências." [...] "No que diz respeito à Amazônia, tanto se pode errar afirmando, como negando." [...] "A realidade, infelizmente, veio também contrariar a metáfora arrojada de Euclides da Cunha, que precipitamente conferiu aos nordestinos as honras de 'domadores da Amazônia'. Porque a Amazônia mantém-se ainda indomada."))

Da floresta, Moog passa ao homem, notadamente aos nordestinos, a esses povos acosados pelos flagelos naturais. Não dominam a Amazônia, não chegam a vencê-la, mas só eles a conservam: "Tudo quanto o homem consegue na Amazônia para fins econômicos é com muita luta, somente com muito trabalho. A todos o meio tem implacavelmente derrotado. Os outros fogem. Só o caboclo fica. A sua desambição, a sua conformidade fez dele um adaptado à terra. E é afinal o caboclo, esse tão injuriado caboclo, quem nos assegura a posse do deserto."

Conclui o livro de forma inesperada: "Aqui o homem escoteiro será sempre um derrotado. Por mais rico de eugenismo, acabará diluindo-o no mundo anônimo dos vencidos, impotente para avançar sobre uma natureza que forma

quadrados para se defender. Não, não resta mais dúvida: na Amazônia só há lugar para uma grande experimentação de caráter socialista.”

Peregrino Junior divide em quatro os surtos regionalistas na Amazônia, datando o quarto do modernismo e do pós-modernismo. Nele se inclui Vianna Moog. É “uma fase mais orgânica, mais direta e objetiva — o social, o humano, o econômico — o documentário, em vez da paisagem. Nem ‘paraíso’ nem ‘inferno’... Nem tanto à terra, nem tanto ao mar. Isenta, comedida e realista”. Acha o livro de Moog “importante para quem estuda o regionalismo na Amazônia pela soma considerável de observações, e dados, e imagens que nos ministra sobre a terra, a gente, a vida e o destino da Planície”.

4. O próximo livro, *Novas cartas persas*, aparece em edição da Globo, no ano de 1937. À maneira de Montesquieu, tomado conscientemente por modelo, dois persas trocam correspondência a respeito de suas andanças pelo mundo, e um deles vem parar exatamente no Brasil. É o livro em que se revelam com mais força a ironia e o humor de Vianna Moog. Os bons e os maus costumes do nosso país são

aqui apresentados, onde não falta o sempre famoso *jeitinho brasileiro* para tudo. Nem a Academia escapa. Veja-se este trecho: “Não pararam aí as minhas investigações. Fui assistir também a muitas sessões e conferências no mais alto cenáculo cultural do país, a Academia Brasileira de Letras, que se distingue de suas congêneres nas províncias, nisso que dela podem fazer parte até os autores... Ignoro, contudo, qual a origem de tão odioso privilégio, num país de organização democrática. Quanto às conferências, por mais que me esforçasse, não consegui entendê-las. Os acadêmicos falam uma língua que absolutamente não é a comum do povo. Reminiscências, naturalmente, da Idade Média, quando os sábios e eruditos adotavam o latim para não profanarem os seus trabalhos com a linguagem simples dos mortais. Notei ainda que, quanto menos eu entendia, mais aplausos os conferencistas arrancavam dos seus pares.”

Desta obra diz Nelson Werneck Sodré, em duas passagens, em artigo publicado no *Correio Paulistano*, de 25 de agosto de 1937: “O Sr. Vianna Moog é um escritor ágil e vivo, provado em outros livros”, [...] “dono de uma surpreendente ironia, que é um dos traços mais vivos e mais felizes da obra.”

É bom não ficar esquecido o elogio que o árabe faz desta cidade do Rio de Janeiro, tal-

de escritor, em função das idéias e dos acontecimentos da época em que viveu e atuou. Daí o título só na aparência ambicioso do grande livro-revelador: *Eça de Queirós e o século XIX*.

Mais adiante, acrescenta Assis Barbosa: “Nas suas *Reflexões sobre a História*, observou Jacob Burckhardt que uma das provas mais nítidas da grandeza de um personagem do passado reside na curiosidade intensa com que nós, os pósteros, procuramos desvendar ainda mais e melhor os arcanos desta individualidade, seja ele um artista, um político ou um santo, completando com novos traços a sua imagem apenas esboçada em vida. É o sortilégio da História.”

E voltando a Moog: “O segredo da sobrevivência do seu *Eça de Queirós e o século XIX*, após a avalanche bibliográfica das últimas décadas, está na sua própria fatura, na sabedoria e na inteligência com que o ensaísta maneja o material esparso, ou mesmo aquele que havia sido até então inexpertamente recolhido.” O próprio Vianna Moog levantou, no prefácio, o véu do mistério: “Só se exige das biografias que o biografado apareça vivo e não empalhado.”

E esse objetivo foi plenamente alcançado, sem dúvida alguma. Eça foi, em tudo, o próprio século XIX, morrendo, praticamente,

com ele, como, poética e melancolicamente, conclui o livro de Moog: “Eça morria serenamente. Pelas janelas abertas espreitavam as tília, enquanto as vozes frescas das crianças inundavam os ares, quebrando o silêncio solene dos espaços. Um sino ao longe bate quatro pancadas. O calendário marca 16 de agosto de 1900. O século XIX também tinha terminado.”

6. No ano seguinte, 1939, Moog estréia na ficção, com *Um rio imita o Reno*, livro nacionalista, de denúncia contra o alemanismo no Sul, como diria Sílvio Romero. Os nazistas e os pró-nazistas não gostaram do livro. O Embaixador do Reich ensaiou um protesto junto ao Governo brasileiro, no sentido de ser sus-tada a circulação do livro. Disse Moog, na ocasião: “Esta foi uma das minhas maiores vitórias na vida: a de ter colocado Hitler em pe-rigo.” Frase típica do seu permanente bom humor, da sua constante ironia e da sua verve inesgotável.

Um rio imita o Reno saiu em Buenos Aires, traduzido, em 1943. E, em 1987, a José Olympio Editora publicou a sua nona edição. Ao lado da denúncia, representa este romance de Moog um exemplo da ficção pós-modernis-

Estamos diante de um arquipélago cultural, constituído de verdadeiras "ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas". Sete são as suas ilhas: Amazônia, Nordeste, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, na época, a capital. Atacada por uns, defendida por outros, não há como negar que a classificação de Moog passou a ser tema obrigatório em qualquer compêndio de história literária nacional. De saída, ao assistir-lhe a conferência, disse Hermes Lima: "Será muito criticada, mas nunca deixará de ser citada." Ao recebê-lo na Academia, em 1945, escreveu Alceu Amoroso Lima: "*Uma interpretação da literatura brasileira*, esse sinal de variedade, na interpretação da vida cultural brasileira, tomou corpo num ensaio que marcará época na história do pensamento brasileiro."

Afrânio Coutinho o discute, como digno de consideração, na sua *A literatura no Brasil*. Sérgio Milliet, em 1943, achava-o "defensável", a despeito do seu "exagero antropogeográfico", de certa forma "unilateral e apressado". No ano seguinte, no entanto, voltava a escrever: "Numa conferência, posteriormente editada pela Casa do Estudante do Brasil, Vianna Moog tentou a caracterização geográfica da literatura brasileira. Diante dos livros que tenho sobre a mesa, sinto-me solicitado a

fazer o mesmo. Muito mais do que na poesia e mesmo no romance, o regionalismo transparece no conto."

Mas, em verdade, ninguém foi menos dogmático do que o próprio Moog a respeito da sua proposta. Em seu discurso de posse na Academia volta ao assunto: "Sinto-me à vontade para reconhecer que a minha interpretação da literatura brasileira, de algum proveito para a compreensão da maioria de nossos escritores, está longe de esgotar a nossa cultura da multiplicidade e complexidade de suas formas. (...) "A vida não é sistemática. Transborda dos sistemas. Ou, como dizia Santo Tomás de Aquino, na *Suma teológica*: 'A vida transborda do conceito.' Que o digam os sistemáticos do século XIX, os sistemáticos de todos os tempos. Literatura é a vida, não a esgotam os sistemas." Mas a sua contribuição ficou, foi imitada, combatida, mas até hoje constitui matéria de estudo e debate. No terreno da crítica literária, afirma Wilson Martins que *Uma interpretação*, pelo seu significado, "mal se poderia conceber antes de 1940", acompanhando as mudanças da crítica nacional, dado o caráter empirista e impressionista que até então a dominava, salvo raras exceções.

8. No pequeno volume, *Nós, os publicanos*, de 1946, há trechos como este, denunciadores do profundo humanismo social de Moog: “Eu, por mim, não compreendo, absolutamente não compreendo que os benefícios que desfrutávamos, e que a inflação tem alarmantemente reduzido, não possam ser desfrutados por todos. Eu me recuso terminantemente a acreditar que no mundo em que vivemos sempre haja de haver riqueza e miséria, ricos e pobres, os ricos afrontando os pobres com sua opulência e os pobres sobressaltando os ricos com o seu rancor. Isto não deve continuar. Não se trata de dividir a miséria. O que se trata é de melhor dividir a riqueza.”

No mesmo ano, de 1946, publica *Mensagem de uma geração*, seu discurso de posse na Academia.

9. Em janeiro de 1955, finalmente, vem a lume o seu ensaio mais sistemático e discutido até hoje, *Bandeirantes e pioneiros. Paralelo entre duas culturas*. Negando a tese racista, até então vigente, da qualidade étnica constitutiva das duas populações, a americana e a brasileira, para desdouro nosso, procura Vianna Moog explicar por outros critérios,

mais de natureza psicossocial, as diferenças de ritmos de crescimento entre os dois países: geométrico o americano e simplesmente aritmético o brasileiro. Sérgio Milliet, mal o livro aparece, não o dá como novo, mas considera a tese bem-desenvolvida. Na orelha da obra, conclui Érico Veríssimo: “Pêntrante, revelador, corajoso, esse livro provocará discussões apaixonadas e ficará na nossa história literária ombro a ombro com *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. E o próprio Gilberto emitiu esta opinião: “O novo livro do escritor gaúcho é livro que faz pensar. Livro brasileiro sério e sinceramente preocupado com os problemas da sua gente e de sua época.”

Sem necessidade de grande ostentação de cultura e erudição, alicerces teóricos do livro, que ressaltam aqui e ali, o autor falava pela própria boca, não por ouvir dizer. Por muitos anos vivera entre a gente americana. Destaca os vários e complexos fatores que levaram os dois países a seus destinos históricos e a seus desenvolvimentos globais, mostra diferenças profundas, mas não deixa de apontar também semelhanças surpreendentes. Jamais é dogmático nem reducionista a um só fator ou a uma só tese. De maneira original e realmente inesperada, conclui o livro fazendo o paralelo entre Lincoln e o Aleijadinho, que “parecem de-

ter o segredo de tudo o que falta” às duas culturas. No insubstituível resumo de Sérgio Milliet: “No caso dos Estados Unidos, a vida contemplativa, o sentido da unidade do mundo, a disponibilidade mental. E no caso do Brasil, o amor ao trabalho, o espírito associativo, o espírito de iniciativa, a fé.” E conclui o crítico paulista: “Haverá nessa homenagem a Lincoln e ao Aleijadinho um sentido de identificação do homem comum com o homem excepcional dotados das qualidades a que aquele aspira e que sente necessária? É o que fica por se responder, com a ajuda possível da psicanálise do mito do herói.”

Não, não se faz necessária a psicanálise para responder a indagação de Sérgio Milliet. Responde-a o próprio autor numa bela página de esperança e de amor: “Volvendo, porém, às romarias de americanos a Washington, New Salem, Springfield e Gettysburg, e às de brasileiros a Ouro Preto, São João del Rei, Mariana, Sabará, Congonhas do Campo: terão elas um sentido de aprendizado e de identificação com a alma de Lincoln e a alma do Aleijadinho, como têm um sentido cada vez maior de procura e reconhecimento de santidade no tipo de heroísmo por ambos realizados, como se todos estivessem impregnados da convicção subconsciente de que fora da santidade não há grandeza autêntica?”

Pelo estado atual do mundo, o mais provável é que ainda não o tenham, porque, no dia em que o tiverem e as duas grandes lições houverem sido nacionalmente assimiladas, americanos e brasileiros, e, com eles, europeus, hispano-americanos, asiáticos e africanos, corrigidas as linhas mestras das nossas respectivas culturas, já estaríamos todos novamente acreditando, senão na possibilidade do reino de Deus sobre a face da Terra, pelo menos naquele sonho milenar que Prometeu ensinou a Assverus no conto de Machado de Assis: “Os tempos são retificados. O mal acabará; os ventos não espalharão mais, nem os germes da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão-somente a cantiga do amor perene e a bênção da universal justiça...”

Bandeirantes e pioneiros foi traduzido para o francês (Ed. Gallimard), em 1963; para o espanhol, Madri, em 1964 e para o inglês, Nova Iorque, 1964. É o livro de Moog que teve maior e melhor fortuna crítica.

10. As duas obras de Vianna Moog que se seguem são de ficção, *Uma jangada para Ulisses* (1959) e *Tóia* (1962). Ambas oriundas da sua grande experiência e capacidade de observação nos postos que exerceu no estrangei-

ro. Na década de 40, a convite da Guggenheim Foundation, passou oito meses nos Estados Unidos, escrevendo artigos para o *New York Herald* e algumas revistas americanas. De 1946 a 1950, serviu na Delegacia do Tesouro Brasileiro em Nova Iorque. Ainda em 1950 foi nomeado representante junto à Comissão das Questões Sociais da ONU. Em 1952, indicado pelo Brasil, fora eleito pelo Conselho Interamericano Cultural para representar o seu país na Comissão de Ação Cultural da OEA, com sede no México, sendo seu presidente por mais de um decênio. Em 1961, presidira a décima terceira sessão da Comissão Social da ONU. Em ambos os romances, toma Moog por tema ficcional os meandros psicológicos e burocráticos do mundo diplomático, com grande dose de ironia, de fina ironia, sem chegar ao sarcasmo nem à caricatura.

Pelo contrário, os dois romances, que se passam no estrangeiro, sendo que o último no México, são de natureza cíclica, há personagens comuns, sem que um seja necessariamente continuação do outro. Tanto o primeiro como o segundo são escritos sob o signo da memória. *Uma jangada para Ulisses* é verdadeiramente proustiano, vivendo Juvenal Maia — que conta a história — muitas das recordações da sua infância no Rio Grande do Sul,

sobretudo do seu avô, seu herói, por assim dizer, juntamente com o *baiano* Orfelino, amigo do avô, adepto de Tobias e da filosofia da Escola do Recife. No capítulo vinte, exclama: “Só se podia fazer uma idéia do que era o meu avô quando ele montava. Era um governo. Aí então eu tinha a impressão, impressão que nunca me abandonou, de que bastava um olhar dele para tudo em torno obedecer. Tudo em torno tinha que se curvar à sua vontade dominadora. A cavalo, a natureza, a paisagem, as coisas em derredor, não lhe serviam de moldura. Ele era a paisagem, ele era a natureza, tanto me parecia integrado nelas.”

Páginas adiante, indaga, proustianamente: “Conseguirei um dia recaptar com as minhas pobres antenas retrospectivas um pouco desse mundo para sempre perdido?”

A cultura de Moog, sem alarde, sem exibição gratuita, aparece a cada instante, com exemplos históricos, literários, geográficos, exemplos, frases e casos de toda ordem. Na verdade, Moog é, sobretudo, escritor, escreve bem, domina o diálogo com a maior naturalidade, não lhe sendo estranha a facilidade descritiva de paisagens, de coisas e de pessoas. O seu estilo é agradável, fluente, sem qualquer rebuscamento, nem literatice de mau gosto. A sua veia lírica, o seu romantismo, naturais e espontâneos, revelam-se a cada passo, envol-

vendo o leitor inteiramente, que se deixa aliciar sem resistência pelo que lhe é contado: torna-se seu cúmplice. Moog é *escritor*, e não *literato*, que castiga o estilo *busca frases de efeito* para impressionar ou chocar. Tudo nele é natural, e tem-se a impressão que não poderia ser ou ter sido de outro modo.

O seu bom gosto literário e a sua maneira correta de escrever são confirmados e aproveitados, por exemplo, por Celso Cunha e Lindley Cintra, que extraem de *Tóia* algumas expressões como ilustrativas dos seus ensinamentos. Cf., *Nova gramática do português contemporâneo*, Rio de Janeiro, 1985, pp. 137, 139, 141, 146 e 521.

11. *A ONU e os grandes problemas sociais do nosso tempo* é de 1965. Nele se encontra esta tirada de esperança, que não chega a ser de utopia, e que os dias de hoje, embora palidamente, parecem confirmar: "Para a União Soviética, como também para os Estados Unidos, o problema não é mais o de planejar para a guerra. O problema é planejar para a paz."

12. Finalmente, em 1968, publica Moog o seu último livro, *Na busca de Lincoln*, com a seguinte dedicatória para Frigga, sua querida companheira de toda uma vida: "A Frigga, com um pequeno atraso de vinte anos." É que desde os seus primeiros tempos nos Estados Unidos, dedicava-se Moog a compreender o mito de Lincoln para os americanos. Interessava-lhe o mito, sem dúvida, porém, mais do que isso, interessava-lhe o homem inteiro, de carne e osso, desde a sua infância, no seu cotidiano concreto, nas suas virtudes e nos seus defeitos, nas suas qualidades reais, positivas e negativas. Lincoln não saiu diminuído da sua minuciosa pesquisa (num livro de 358 páginas), mas passou a ser melhor compreendido como homem e não adorado como um deus. Na orelha do livro, escreve Anísio Teixeira: "Este é de fato um livro. Um livro terrivelmente lúcido, de uma inteligência que, dividida entre a admiração e a necessidade de compreender um homem e um artista arrebatado e destruído por um momento de convulsão na História humana, jamais perde equilíbrio. Sim, está aqui um livro que toda a gente vai ler, admirar, reler e discutir."

Pouco antes, em 1966, já aparecia a segunda edição das *Obras completas*, de Vianna Moog, publicadas pela Delta, em dez volumes de formato grande.

13. Vou terminar, senhoras e senhores. Também herói da decadência desta nossa sociedade republicana, cheia de vícios e defeitos, trai-se Moog a cada passo, preocupado com o destino dos humanos, seus semelhantes; deles nada lhe é estranho. O homem comum, o homem da rua, essa massa anônima sempre pronta a crer e a seguir as suas crenças, enche-lhe o coração de ternura. Em momentos de confidências, quando se abandona, como no *Discurso* da Academia, deixa escapar palavras como estas reveladoras do seu temperamento, do seu caráter e da sua personalidade, em suma: “Pertencendo, como pertença, a uma geração banida e atribulada, provavelmente a mais atribulada de todas as gerações — geração que entre duas guerras vem tateando na penumbra do ostracismo, atordoada, inquieta, proscrita, vendo ruir o mundo de desacertos e injustiças em que plasmou a sua formação, sem ver surgir, em contornos definitivos, a oportunidade de plasmar o mundo pelo qual há tanto tempo espera — custa-me ainda agora acreditar que esteja chegado o dia de assentar-me ao vosso lado, como um dos vossos, para lutar convosco pelo restabelecimento, permanência e continuidade daqueles valores morais e espirituais que fazem, ao lado da justiça social, e só eles, a grandeza das ações.”

Pouco adiante, lamenta “os que naufragaram na voragem da vida, os que tombaram na luta, os que sofreram prisões e vexames por amor às suas idéias”.

E, concluindo com palavras ainda do *Discurso*, do próprio herói da decadência: “Pertença, julgo pertencer, aos que não perderam de todo a capacidade de amar e admirar. Conheço as minhas possibilidades, conheço também as minhas limitações. Não me magnifico daquelas, não me desespero destas. Não trago o fardo pesado de ódios e rancores. Já hoje não sei de ninguém a quem não possa apertar fraternalmente a mão.”

Em *Uma jangada para Ulisses*, catorze anos mais tarde, Juvenal Maia vai dizer a mesma coisa do seu amigo Ripol, também personagem do romance: “Já não havia ninguém a quem não pudesse apertar cordialmente a mão. Trazia o coração isento de ódios e rancores.”

Este, este o nosso querido Vianna Moog que se foi para sempre a 15 de janeiro.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1988.

EVARISTO DE MORAES FILHO